

Universidade do Estado do Amazonas
Centro de Estudos Superiores de Parintins
Curso de Licenciatura em História

O BOI MIRIM TUPI COMO INSTRUMENTO DE EDUCAÇÃO CULTURAL
E FORMAÇÃO IDENTITÁRIA EM PARINTINS (AM)

Rodolfo Monteiro dos Santos
Orientador: Prof. Dr. Diego Omar da Silveira

Resumo: Este Trabalho de Conclusão de Curso analisa o Boi Mirim Tupi como instrumento de educação cultural e formação identitária de crianças e jovens no município de Parintins (AM). O estudo parte do entendimento de que manifestações culturais amazônicas, como o boi-bumbá, desempenham papel fundamental na construção de pertencimento e na preservação dos saberes tradicionais. A pesquisa busca compreender de que forma a participação no Boi Mirim Tupi contribui para o desenvolvimento cultural, social e identitário dos sujeitos envolvidos. A pesquisa adota abordagem qualitativa, com caráter descritivo e exploratório, utilizando entrevistas semiestruturadas com membros da coordenação e colaboradores do grupo. A análise dos dados foi realizada a partir da análise temática, permitindo identificar percepções, experiências e significados atribuídos ao boi mirim. Os resultados demonstram que o Boi Mirim Tupi promove aprendizagens significativas, fortalece vínculos comunitários e estimula o reconhecimento das tradições amazônicas entre crianças e jovens. Além disso, atua como espaço de convivência, proteção social, disciplina e desenvolvimento de habilidades culturais e sociais. Conclui-se que o Boi Mirim Tupi constitui um espaço de educação cultural essencial para a preservação da identidade coletiva e para a formação cidadã dos participantes, reafirmando sua relevância no cenário cultural parintinense.

Palavras-chave: Boi Mirim Tupi; Educação Cultural; Identidade

*No meu Itaúna a cultura vive
Crianças descalças a brincar pra lá e pra cá
A fogueira acessa balões no céu é raiz
É a vida de um povo feliz
As bandeiras laranjas recebem o meu boi
Trazendo sua mensagem de paz
Branco como algodão
Faz a festa e o povo querer mais
É mistura de dança cabocla
Rodas de capoeira, e dança de quadrilha
Dança marcada dos povos amazônicos
É festa de santo
Tem meu boi-bumbá
É o meu boi mirim Tupi
De todas as festas
Boi Tupi É tradição que não se apaga
Na brincadeira a história se propaga
Pros meus curumins viverem a brincar*

Toada Olhar de Curumin. Boi Tupi.
Compositores: Marcelo Garcia e Silvio Camaleão

Introdução

A cidade de Parintins, no estado do Amazonas, é amplamente reconhecida pelo tradicional Festival Folclórico dos bois-bumbás Caprichoso e Garantido, evento que movimenta não apenas a economia e o turismo do município, mas também fortalece a cultura e a identidade da população. Inspirados nessa manifestação popular, surgiram os bois mirins, como o Boi Mirim Tupi, voltados à participação de crianças e adolescentes e atuando como espaços formativos e de valorização das tradições regionais.

A cultura constitui um dos principais elementos responsáveis pela formação da identidade individual e coletiva, sendo transmitida por meio de símbolos, práticas sociais, expressões artísticas e saberes tradicionais. Nesse sentido, Candau (2008, p.13) afirma que “não há educação que não esteja imersa nos processos culturais do contexto em que se situa”, evidenciando que educação e cultura estão intrinsecamente ligadas na construção de práticas pedagógicas inclusivas e no reconhecimento da diversidade.

No contexto sociocultural do município de Parintins (AM), o folclore desempenha um papel fundamental como expressão da memória e da vivência comunitária, permitindo a valorização da história local e a construção do sentimento de pertencimento. Entre as manifestações culturais mais representativas da região, destaca-se o Boi-Bumbá de

Parintins, que, para além da grandiosidade do festival, impulsiona iniciativas voltadas à educação cultural, como é o caso dos grupos mirins.

O Boi Mirim Tupi, objeto central deste estudo, configura-se como um ambiente educativo e de socialização que promove a inserção de crianças e de jovens nas práticas artísticas relacionadas ao boi-bumbá. Mais do que uma atividade recreativa, esse espaço atua como instrumento pedagógico na transmissão de valores, saberes e símbolos que fortalecem os vínculos com a herança cultural local. Compreender como a participação nesse grupo contribui para o desenvolvimento identitário e para a formação cultural dos envolvidos é, portanto, essencial.

O Boi Mirim Tupi, além de sua relevância comunitária, obteve em 2024 o reconhecimento oficial como Ponto de Cultura pelo Ministério da Cultura pela Prefeitura de Parintins, por meio da Política Nacional de Cultura Viva (Lei nº 13.018/2014). Essa certificação reforça a legitimidade do trabalho desenvolvido pelo grupo, destacando sua contribuição para a valorização das manifestações populares, a promoção da cidadania e a formação cultural de crianças e jovens.

Em 2025, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) conferiu ao grupo o título de Patrimônio Cultural do Brasil, ao incluí-lo no Complexo Cultural do Boi-Bumbá do Médio Amazonas e Parintins. Esse reconhecimento amplia a importância do Boi Mirim Tupi, evidenciando sua inserção em um patrimônio imaterial de relevância nacional e reforçando seu papel como espaço de resistência, preservação da memória e formação identitária.

Esses reconhecimentos demonstram que o Boi Mirim Tupi não é apenas uma iniciativa local, mas parte de um movimento maior de valorização da cultura viva, que busca dar visibilidade e força às expressões populares. Dessa forma, o grupo assume um papel educativo que vai além da transmissão de saberes culturais, consolidando-se como instrumento de transformação social e construção de pertencimento.

A escolha deste tema surge da percepção do impacto que o Boi Mirim Tupi exerce sobre seus participantes e da carência de pesquisas acadêmicas que abordem a relevância desses grupos na construção identitária. Considera-se que tais iniciativas cumprem uma função social e educativa que ultrapassa o entretenimento, ao reforçarem vínculos comunitários, perpetuarem tradições e fortalecerem a autoestima dos jovens. O Boi Mirim Tupi representa, portanto, uma experiência concreta de educação cultural, em que a cultura popular é apropriada como recurso pedagógico e instrumento de cidadania, despertando nas crianças e jovens o reconhecimento e a valorização de suas raízes. Nesse sentido, Freire (1996, p. 46) salienta, em sua obra *Pedagogia da autonomia*, a

importância do reconhecimento da identidade cultural, pois, no processo de ensino e aprendizagem, há o desenvolvimento cognitivo, reflexivo, crítico e criativo, fatores que contribuem para que o sujeito possa “[...] assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicativo, transformador, criador de sonhos [...]”.

Diante disso, formula-se a seguinte questão norteadora: como o Boi Mirim Tupi contribui para a educação cultural e a formação identitária de crianças e jovens em Parintins? Para respondê-la, este trabalho tem como objetivo geral analisar o papel do Boi Mirim Tupi na educação cultural e na formação identitária de seus participantes. Como objetivos específicos, propõe-se: compreender a relação entre cultura, identidade e educação; investigar o processo histórico e a importância sociocultural do Boi Mirim Tupi; analisar a percepção dos participantes sobre a contribuição do grupo para a construção identitária; e refletir sobre as potencialidades do Boi Mirim Tupi como recurso pedagógico e instrumento de preservação cultural.

Este trabalho apresenta relevância acadêmica e social por contribuir para o mapeamento e reflexão sobre práticas de educação cultural em contexto amazônico. Ao investigar o papel do Boi Mirim Tupi, a pesquisa busca preencher lacunas na produção científica acerca dos bois mirins, oferecendo subsídios teóricos e empíricos que podem orientar práticas pedagógicas, projetos culturais e políticas públicas locais. Além disso, espera-se que os resultados fomentem o reconhecimento e a valorização de saberes tradicionais, fortalecendo estratégias de preservação e transmissão intergeracional de patrimônios imateriais.

A metodologia adotada para esta pesquisa é de abordagem qualitativa, tendo como principal instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada aplicada a membros envolvidos com o boi mirim. A análise dos depoimentos será feita a partir da perspectiva da educação cultural, dialogando com referenciais teóricos sobre cultura, identidade e folclore brasileiro.

O trabalho está organizado em três capítulos. O primeiro discute os conceitos de cultura, identidade e educação, evidenciando suas inter-relações e importância para os processos formativos. O segundo capítulo aborda o contexto histórico do Boi-Bumbá em Parintins e a criação dos bois mirins, com destaque para a trajetória do Boi Mirim Tupi. O terceiro capítulo apresenta a análise dos dados coletados por meio das entrevistas, discutindo as percepções dos participantes e da comunidade sobre a relevância do boi mirim na formação cultural e identitária. Por fim, são apresentadas as considerações finais, nas quais são sistematizadas as principais conclusões do estudo, bem como indicados caminhos para futuras pesquisas.

Cultura, identidade e educação

A cultura é compreendida como o conjunto de significados compartilhados por um grupo social, manifestando-se por meio de símbolos, valores, práticas, costumes e memórias coletivas. Geertz (1989, p.3) afirma que “a cultura é uma teia de significados construída pelo próprio homem”, o que evidencia que os sujeitos constroem e interpretam o mundo a partir de elementos culturais historicamente constituídos. Assim, compreender cultura implica reconhecer sua dimensão simbólica, interacional e dinâmica.

A identidade, por sua vez, é construída a partir do pertencimento a grupos sociais e das relações estabelecidas no cotidiano. Hall (2006, p. 38) explica que a identidade cultural “não é fixa, mas formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais do nosso tempo”. Portanto, identidade e cultura são dimensões que se interconectam, constituindo-se mutuamente na formação dos sujeitos.

No campo educacional, o reconhecimento da cultura dos estudantes torna-se elemento fundamental para práticas pedagógicas significativas. Nesse sentido, Candau (2020, p.45) destaca que “a escola é um espaço intercultural, onde diferentes universos simbólicos se encontram e se confrontam”. Isso significa que o processo educativo não pode ser compreendido de maneira dissociada dos contextos culturais nos quais está inserido.

Paulo Freire (1996, p.29) reforça essa visão ao afirmar que “educar é um ato profundamente cultural”, enfatizando que o ensino deve dialogar com a realidade concreta dos sujeitos para promover autonomia, criticidade e formação humana. Assim, a educação cultural emerge como estratégia pedagógica essencial para fortalecer identidades e valorizar saberes tradicionais, sobretudo em contextos comunitários.

O folclore brasileiro como instrumento pedagógico

O folclore brasileiro, enquanto patrimônio imaterial, possui forte potencial pedagógico, pois articula memória, tradição e criatividade popular. Segundo Cascudo (2012, p.18), “o folclore é a soma das criações anônimas e coletivas das comunidades, que expressam uma visão de mundo compartilhada”. Ao ser inserido na prática escolar, torna-se recurso educativo que aproxima o aluno de sua realidade sociocultural.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) também reconhece a importância do folclore ao afirmar que as práticas culturais regionais favorecem a formação integral dos

estudantes e ampliam sua percepção de diversidade (Brasil, 2018). Assim, manifestações folclóricas podem atuar como ferramentas de construção de identidade, autoestima e pertencimento, especialmente em comunidades tradicionais.

De acordo com Silva e Oliveira (2021, p. 92), “o folclore, quando trabalhado pedagogicamente, permite integrar conhecimento histórico, valores sociais e práticas artísticas, promovendo aprendizagens contextualizadas e significativas”. Isso demonstra que o folclore ultrapassa o caráter meramente recreativo, constituindo-se como conteúdo educativo que fortalece laços comunitários e amplia repertórios culturais.

No contexto amazônico, onde a cultura é fortemente marcada pela oralidade, pelo mito e pela música, o folclore assume papel ainda mais relevante. Para Nogueira (2020, p.61), “as manifestações folclóricas da Amazônia funcionam como narrativas identitárias que reafirmam a memória de resistência dos povos locais”. Assim, é possível afirmar que o folclore amazônico, incluindo o boi-bumbá, representa não apenas tradição, mas também instrumento pedagógico e político.

O Boi-Bumbá de Parintins: tradição e identidade

O Boi-Bumbá de Parintins representa uma das manifestações culturais mais expressivas da região amazônica, constituindo-se como símbolo identitário profundamente enraizado na memória coletiva da população. Sua relevância ultrapassa o âmbito do entretenimento, pois envolve elementos estéticos, míticos, religiosos e comunitários que permeiam a vida social da ilha. Para entender sua importância contemporânea, é fundamental compreender sua origem histórica, marcada por processos culturais de hibridização entre tradições indígenas, africanas e europeias.

Diversos estudos apontam que o Boi-Bumbá amazônico tem relação direta com o antigo Bumba-meu-boi, manifestação que chegou ao Brasil por influência portuguesa, associada às festas de São João e ao ciclo de boi morto e ressuscitado. Segundo Cavalcanti (2021, p.44), “o boi amazônico mantém o enredo básico do boi sacrificado e revivido, mas incorpora elementos regionais que lhe conferem singularidade estética e simbólica”. Essa adaptação foi intensificada no contato com comunidades ribeirinhas, povos indígenas e tradições afro-brasileiras, que resignificaram o mito do boi criando versões próprias, vocalizações diferenciadas e narrativas locais.

No caso de Parintins, o Boi-Bumbá adquiriu características específicas que o diferenciaram de outras regiões do Brasil. Segundo Cavalcanti (2000), “o espetáculo do boi-bumbá reinterpreta e atualiza o indianismo, incorporando elementos do universo

indígena como parte essencial de sua estética e de suas narrativas”. Essa incorporação da iconografia indígena, especialmente a partir da década de 1980, transformou o boi local em referência identitária da Amazônia, associando-o à luta pela preservação da floresta, dos povos tradicionais e dos bens imateriais.

Além disso, a nova configuração do boi parintinense se consolidou através do Festival Folclórico de Parintins, que expandiu sua dimensão artística e mediática. De acordo com Albuquerque (2022, p.102), “o festival funcionou como um catalisador que elevou o Boi-Bumbá a um patamar de espetáculo cultural de grande porte, profissionalizando artistas, artesãos e comunidades inteiras”. Esse processo também permitiu que o boi se tornasse um grande símbolo político-cultural da região, reforçando identidades locais e ampliando o sentimento de pertencimento.

A identidade visual e performática do boi de Parintins destaca-se por elementos como alegorias, coreografias, cantos, encenações e pela forte presença de narrativas indígenas, tornando-se uma manifestação que dialoga com as experiências de vida da população amazônica. Como destaca Teixeira (2023, p.59), “o boi parintinense não é apenas uma festa; é um projeto cultural comunitário que articula memória, imaginário e territorialidade amazônica”.

Ao compreender a origem do Boi-Bumbá como um processo histórico de transformações e ressignificações culturais, é possível compreender também sua importância na formação identitária das novas gerações. Sua história demonstra como tradições populares se reinventam no tempo, preservando memórias enquanto se ajustam às necessidades e expressões de cada comunidade.

Dessa forma, o Boi-Bumbá de Parintins permanece como elemento central da cultura amazônica, não apenas por seu impacto estético e festivo, mas por sua capacidade de manter vivas as narrativas regionais, fortalecer vínculos comunitários e mobilizar crianças, jovens e adultos em torno de um patrimônio imaterial coletivo.

O papel do Boi Mirim na formação cultural de crianças e jovens

Os bois-Bumbás Mirins desempenham importante função na formação cultural de crianças e jovens, sobretudo em lugares onde essa manifestação é parte estruturante da identidade comunitária, como ocorre em Parintins. Eles representam não apenas uma versão infantilizada das agremiações tradicionais, mas sobretudo, um espaço de aprendizagem, socialização e fortalecimento da cultura local. Para Barbosa (2020), práticas culturais ligadas às infâncias constituem “ambientes formadores”, nos quais as

crianças constroem saberes, desenvolvem habilidades e reconhecem seu pertencimento social.

Participar de um Boi Mirim significa vivenciar de forma ativa elementos do folclore regional – músicas, danças, personagens, indumentárias e narrativas históricas – o que contribui diretamente para a construção da identidade cultural. Nessas experiências, os jovens aprendem sobre respeito, coletividade, disciplina, cooperação e valorização das tradições. Além disso, o envolvimento artístico, corporal e expressivo, possibilita que as crianças explorem diferentes linguagens, como canto, dança, teatro e artes visuais.

O ambiente lúdico dos Bois Mirins também fortalece vínculos comunitário, aproximando famílias, escolas e agremiações culturais. De acordo com Silva (2023), iniciativas culturais que dialogam com as tradições locais desempenham papel fundamental na transmissão intergeracional de saberes, garantindo a continuidade das manifestações populares. Assim, o Boi Mirim se consolida como um espaço educativo que extrapola os limites da escola, integrando práticas artísticas, sociais e culturais que contribuem para a formação integral dos participantes.

Contexto do Boi Mirim Tupi

A trajetória do Boi Mirim Tupi está profundamente vinculada ao contexto sociocultural dos bairros Itaúna I, Itaúna II e Paulo Corrêa, em Parintins (AM). Sua criação representa uma mobilização comunitária espontânea que buscava assegurar às crianças um espaço legítimo de vivência artística e de expressão da identidade folclórica local. Segundo o Portfólio do Ponto de Cultura (2025), o boi surgiu no dia 04 de novembro de 2004, quando “em uma roda de amigos deram a ideia de criação de um boi mirim... juntos estavam Inaldo de Lima Andrade, Heliomar da Silva Viana, Sebastião Garcia Piedade, Gideão Teixeira Queiroz e João Pedro Garcia Piedade”. Essa reunião ocorreu em frente à casa de Dona Maria José Piedade Viana, localizada na Avenida Geny Bentes, no Bairro Itaúna I, local que se tornou o marco histórico da fundação do Tupi.

A principal motivação do grupo fundador foi criar um espaço onde crianças e adolescentes pudessem brincar o boi-bumbá de forma organizada, com identidade própria, promovendo a valorização da cultura local e fortalecendo a comunidade. O documento institucional destaca que o nome TUPÍ surgiu como sigla de “T’orcida ‘U’nida ‘P’elo ‘I’taúna”, reforçando o caráter territorial e comunitário da iniciativa. As cores laranja e branco foram escolhidos como símbolos oficiais da agremiação, representando força, vitalidade e união.

Naquele momento inicial, a criação do boi foi recebida com surpresa pela comunidade, que reconhecia os desafios de organizar uma manifestação folclórica mirim em um cenário competitivo e tradicional como o de Parintins. entretanto, o entusiasmo dos jovens idealizadores e o engajamento espontâneo de moradores possibilitaram a estruturação das primeiras ações. O documento afirma que: “naquela noite acabara de ser lançada a semente que, ao encontrar solo fértil, germinou e passou a emitir raízes fecundas. Estava criado o Boi-Bumbá Tupi”.

A primeira apresentação oficial do Tupi no Festival dos Bois Mirins ocorreu em 2006, marcando sua entrada no Bumbódromo e sua consolidação como representante cultural das crianças dos bairros mencionados. Em seguida, vieram grandes conquistas, incluindo os títulos de campeão dos festivais de 2007, 2008 e 2009, demonstrando a força estética e cultural do grupo. A formalização jurídica ocorreu em 07 de outubro de 2006, quando o boi passou a ser denominado oficialmente Associação Folclórica Boi Bumbá Mirim Tupi – AFBBMT, conforme registrado no portfólio institucional.



Boi Mirim Tupi durante apresentação no Festival dos Bois Mirins. Fonte: Portifólio do Boi Tupi

O surgimento do Boi Mirim Tupi reflete um processo de construção coletiva, no qual o saber tradicional, o pertencimento comunitário e a identidade amazônica

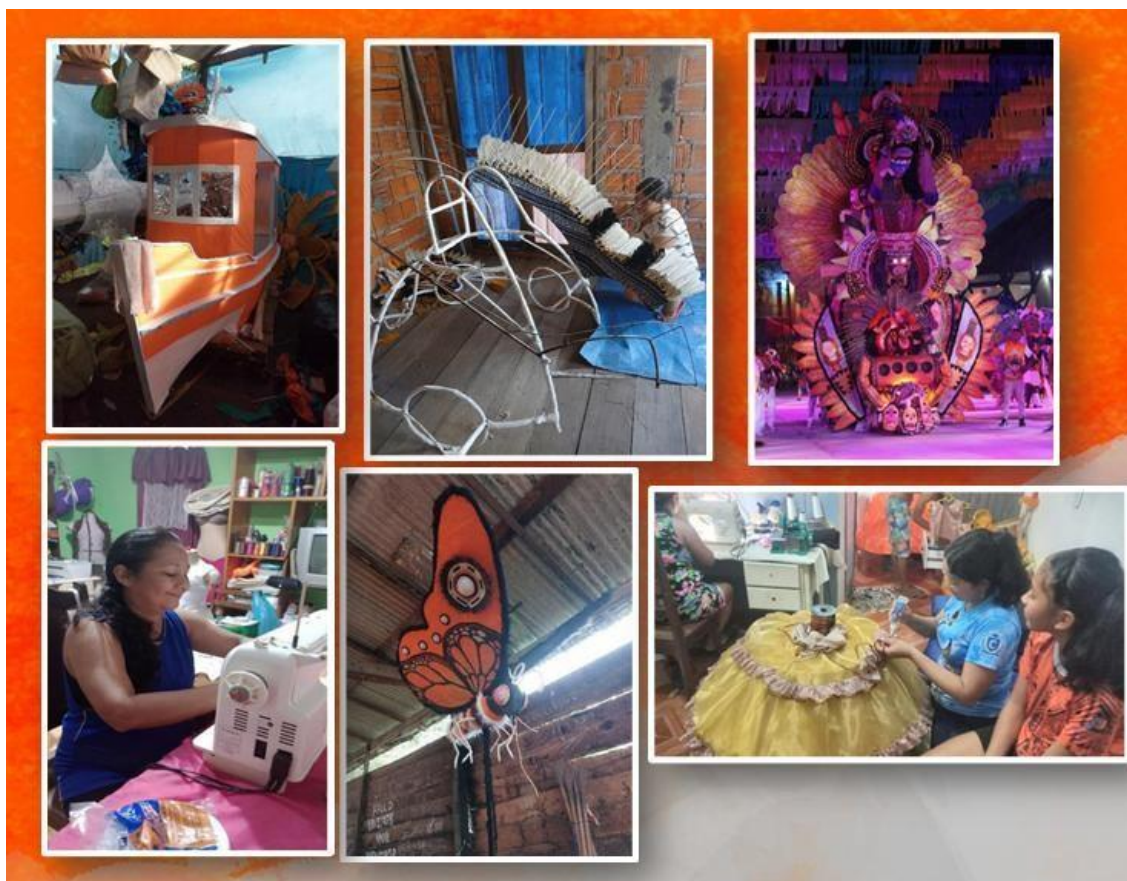
convergir para criar uma manifestação folclórica que hoje compõe de forma ativa e significativa o patrimônio cultural de Parintins.

Ações e projetos desenvolvidos

Ao longo de sua trajetória, o Boi Mirim Tupi desenvolveu ações socioculturais diversificadas que consolidaram seu protagonismo na formação artística e na educação cultural de crianças e jovens. Essas ações incluem práticas de ensino, projetos continuados, oficinas formativas, apresentações públicas e participação em editais culturais. O Portfólio do Ponto de Cultura (2025) destaca que o Tupi realiza “oficinas de dança, percussão, artesãos, artes cênicas, figurinos, alegorias e atividades lúdicas” destinadas à formação completa dos brincantes.

Essas oficinas funcionam como espaços de aprendizagem coletiva, nos quais crianças desenvolvem habilidades motoras, artísticas e expressivas, além de adquirirem noções de disciplina e cooperação. O documento aponta ainda que o Boi Mirim Tupi atende “uma quantidade significativa de mais de 300 crianças durante as atividades anuais”, o que demonstra seu amplo alcance social.





Oficinas realizadas pelo Boi Mirim Tupi. Fonte: Portifólio do Boi Tupi

O boi também realiza eventos próprios, como o CarnaMirim, criado em 2023, que integra brincadeiras tradicionais com zelo pela memória cultural infantil, promovendo a inclusão de novas gerações nas artes do boi-bumbá. A entidade desenvolveu ainda ações voltadas à preservação de patrimônio material e imaterial, como o tombamento interno de bens, o registro documental de sua história e projetos de audiovisual, incluindo o documentário de 20 anos.

Outra conquista importante é o reconhecimento institucional do grupo. O Boi Mirim Tupi é considerado de utilidade pública municipal, conforme a Lei de Utilidade Municipal nº867/2023-PGMP, além de possuir o reconhecimento como Patrimônio Cultural Brasileiro nº 01490.000375/2024-43. Atualmente, o Boi Mirim Tupi possui, conforme registro institucional, um escritório para atender os sócios e pais de brincantes, localizado na estrada do Macurany. Além da estrutura interna, destacam-se as participações externas. Destacam-se também as participações externas do grupo, incluindo a apresentação realizada no Teatro Amazonas em 2025, com uma delegação de 70 integrantes, o que marca um avanço significativo na visibilidade e valorização da cultura mirim. Trata-se de uma repercussão expressiva, pois raramente grupos de mirim ocupam espaços dessa magnitude. Assim, as ações do Tupi demonstram que o grupo atua

como centro de formação cultural, artísticas e comunitária, articulando tradição, inovação e educação através de práticas sistematizadas que impactam diretamente o desenvolvimento social e cultural das crianças de Parintins.

Relevância cultural para a comunidade local

O Boi Mirim Tupi possui grande relevância cultural para a comunidade dos bairros Itaúna I, Itaúna II e Paulo Corrêa, além de participar ativamente da cena folclórica de Parintins. Sua atuação não se limita à realização de apresentações artísticas; ela se estende à construção e fortalecimento da identidade amazônica entre crianças e jovens.

O portfólio oficial destaca que o boi item como principal missão “fortalecer as práticas socioculturais, especificamente a cultura do boi-bumbá, salvaguardando a continuidade dos saberes e vivências da brincadeira de boi para as futuras gerações”. Dessa forma, a brincadeira do boi mirim se configura como um espaço formativo de memória, tradição e pertencimento.

O impacto comunitário também se expressa na mobilização social em torno do boi. Moradores, familiares, voluntários e ex-brincantes participam ativamente das ações e ventos promovidos pela agremiação, o que reforça os vínculos afetivos e identitários. A presidente da associação, Suzy Evangelista, afirma, que a entidade “presta serviços gratuitos através do projeto ‘Tupi: um legado, lição de história’”, projetado especialmente para alcançar crianças em situação de vulnerabilidade social e promover inclusão cultural e artística.

Além disso, o Tupi atua como instrumento de promoção da autoestima comunitária, pois suas conquistas em festivais e eventos nacionais refletem o reconhecimento do potencial artístico das crianças envolvidos. A entidade também promove atividades voltadas à defesa da Amazônia, como registrado no documento: “a defesa da nossa Amazônia é objetivo maior dentro de nossas apresentações folclóricas”

Nesse sentido, a relevância cultural do Boi Mirim Tupi ultrapassa sua função artística. Ele é um espaço de educação cultural, transmissão de valores, fortalecimento identitário e integração comunitária, representando uma das mais importantes manifestações culturais mirins de Parintins.

O Boi Tupi nas vozes de quem o faz um Boi vencedor

Os resultados obtidos por meio das entrevistas realizadas com a presidente Suziane Evangelista, o fundador Inaldo Lima, o ex-coordenador Gelson Piedade e a atual vice-

presidente interina evidenciaram que o Boi Mirim Tupi exerce um papel essencial na formação cultural, social e identitária de crianças e jovens do bairro Itaúna e de Parintins como um todo. A análise das falas demonstra que o boi ultrapassa o caráter festivo e se consolida como um espaço educativo, de convivência comunitária e de preservação da tradição do boi-bumbá.

Um dos principais resultados encontrados é a forte dimensão educativa desempenhada pelo Boi Mirim Tupi. O fundador Inaldo afirma que desde cedo o grupo percebeu a necessidade de criar instrumentos de formação cultural que aproximassem as crianças da arte amazônica, o que resultou na criação da Escola de Percussão. Como ele relata: “a criança chegava lá sem nada, não sabia nada e, no dia do festival, já estava ali com um grande batuqueiro, um grande aluno que aprendeu durante meses” (Entrevista Inaldo, 2025). Essa iniciativa demonstra que o boi funciona como um espaço de aprendizagem contínua, estruturado e voltado à construção de competências musicais, artísticas e sociais.

O processo de formação também é reforçado pela presença dos diversos itens tradicionais do boi-bumbá, que permitem às crianças vivenciarem elementos centrais da cultura parintinense. Gelson destaca que o Boi Mirim Tupi opera como uma verdadeira escolinha cultural: “o boi mirim Tupi tem todos os itens do boi grande... sinhazinha, cunhã, pajé, rainha do folclore, amo do boi, tripa do boi, batucada, tuxauas, vestidos regionais... tudo isso é a nossa cultura” (Entrevista Gelson, 2025). Esses elementos simbólicos contribuem para que a criança aprenda, de forma prática, os significados da tradição do festival folclórico de Parintins.

Outro resultado importante identificado é o impacto social e emocional do boi na vida das crianças. A presidente Suziane evidencia essa função ao explicar que o boi acolhe e oferece um espaço seguro para jovens em situação de vulnerabilidade: “a gente tira as crianças do mundo das drogas, das ruas... muitas passam fome, muitas estão em depressão. E quando chega a hora do boi, elas querem estar lá” (Entrevista Suziane, 2025). Essa fala demonstra que o Boi Tupi atua como uma forma de proteção social, oferecendo suporte emocional, convivência saudável e sentido de pertencimento às crianças e adolescentes.

Em um dos resultados mais recorrentes das entrevistas, é o forte envolvimento das famílias, que se mostram participantes e colaborativas nas atividades e ensaios do boi. Gelson aponta que: “os pais acompanham os filhos ativamente... gostam de ver os filhos participando, concorrendo. E isso se tornou bem competitivo, porque todos querem ser campeão” (Entrevista Gelson, 2025). A participação familiar reforça a dimensão comunitária do boi e sua capacidade de integrar gerações em torno da cultura local.

As entrevistas também revelam a continuidade geracional proporcionada pelo boi. A vice-presidente interina, por exemplo, relata ter entrado como brincante aos 11 anos... depois me afastei, me formei, e há três anos voltei com meus filhos, sem imaginar que estaria hoje como vice-presidente interina” (Entrevista Vice-presidente, 2025). Esse movimento demonstra que o boi não apenas forma crianças culturalmente, mas permanece marcado na memória coletiva efetiva, motivando antigos brincantes e retornarem como adultos em posições de liderança ou apoio.

Finalmente, os resultados apontam para o reconhecimento institucional e a ampliação do alcance cultural do boi. Suziane destaca conquistas importantes, como a obtenção do título de utilidade pública, patrimônio cultural e ponto de cultura nacional, além de aprovações em leis de incentivo como Paulo Gustavo, Aldir Blanc e lei Rouanet. Conforme afirma “nós somos Ponto de Cultura, Patrimônio Cultural Brasileiro e aprovamos o projeto na lei Rouanet... agora vamos fazer a Escolinha de Artes, com dança, percussão, artesanato e merenda para todas as crianças” (Entrevista Suziane, 2025). Essas conquistas demonstram que o boi se consolida institucionalmente como agente cultural de relevância para todo o município.

No conjunto, os resultados evidenciaram que o Boi Mirim Tupi atua como espaço de formação cultural, proteção social, fortalecimento identitário e construção comunitária, mantendo viva a tradição do boi-bumbá e preparando novas gerações para a continuidade dessa expressão amazônica. Eles dialogam com debates contemporâneos sobre educação cultural, formação identitária e práticas comunitárias na Amazônia. Conforme aponta Santos (2021), as manifestações culturais amazônicas operam como “espaços de pedagogias não escolares”, nos quais crianças aprendem valores, tradições e modos de vida. O Boi Mirim Tupi se enquadra exatamente nessa perspectiva, funcionando como território educativo que articula, ludicidade e formação social.

A noção de pertencimento cultural observada nas falas dos entrevistados também dialoga com a reflexão de Silva e Monteiro (2022), para quem o pertencimento se constrói por meio da participação ativa em práticas comunitárias, especialmente aquelas que possuem valor simbólico para o grupo. Ao envolver crianças em atividades como percussão, dança e construção de itens alegóricos, o Tupi reforça esse sentimento, permitindo que elas se reconheçam como parte da cultura do boi-bumbá e da identidade amazônica.

Outro ponto relevante é o papel intergeracional desempenhado pelo Boi Tupi. A vice-presidente interina demonstra como a participação infantil se transforma em vínculo duradouro que atravessa fases da vida. Essa experiência corrobora a perspectiva que

Almeida (2023), para quem práticas culturais tradicionais são forças estruturantes que moldam a identidade desde a infância e permanecem na memória coletiva mesmo após anos de afastamento. O retorno de antigos brincantes como líderes do boi reforça a continuidade geracional e o papel central da cultura como articuladora das relações sociais.

A dimensão social é igualmente evidente. Suziane e Inaldo relatam o impacto do boi na prevenção de vulnerabilidade sociais, acolhimento de crianças com dificuldades emocionais e integração de crianças com deficiência. Esse aspecto dialoga diretamente com o conceito de “cultura como proteção social”, discutido por Ferreira (2020), que afirma que práticas culturais comunitárias funcionam como redes de apoio, fortalecendo vínculos, autoestima e perspectivas de vida. O Tupi materializa essa ideia ao se configurar como espaço seguro de convivência, aprendizagem e cuidado.

Além disso, os certificados e projetos culturais mencionados, como ponto de Cultura, CMDCA, CMAS e Lei Rouanet, revelam articulação com políticas públicas culturais que, segundo Barbosa e Cunha (2024), são fundamentais para consolidar iniciativas comunitárias e fortalecer sua sustentabilidade. O reconhecimento formal do boi confirma sua relevância no ecossistema cultural de Parintins e amplia sua capacidade de atuação pedagógica.

A presença de todos os itens tradicionais do boi-bumbá dentro do Boi Mirim Tupi também contribui para a formação estética e simbólica das crianças. Como aponta Figueiredo (2022), dos bois mirins funcionam como “microcosmos simbólicos” que reproduzem a estrutura dos bois adultos e formam, desde cedo, indivíduos capazes de compreender e ressignificar elementos culturais. O Tupi, ao incorporar itens como cunhã poranga, pajé e amo do boi, oferece uma vivência cultural completa que fortalece a identidade amazônica.

A construção da Escolinha de Artes, apontada como futuro do boi, demonstra a transição do Tupi de uma mera manifestação festiva para uma instituição cultural com objetivos pedagógicos permanentes. Esse movimento acompanha tendências observadas por Moraes (2025), que destaca a emergência de projetos culturais amazônicos que combinam tradição, educação e inovação tecnológica, ampliando seu impacto social e educativo.

Com isso, a discussão revela que o Boi Mirim Tupi atua como um instrumento potente de educação cultural, fortalecimento identitário e promoção social. Sua importância ultrapassa o festival e se estende ao cotidiano das famílias, sendo parte

fundamental da experiência comunitária do bairro Itaúna e da manutenção da cultura do boi-bumbá em Parintins.

Considerações finais

O presente trabalho teve como objetivo analisar de que maneira o Boi Mirim Tupi contribui para a educação cultural e para a formação identitária de crianças e jovens da cidade de Parintins (AM). A partir da abordagem qualitativa e da análise temática das entrevistas realizadas com membros e colaboradores do grupo, foi possível compreender a profundidade pedagógica, cultural e social dessa manifestação folclórica.

Os resultados obtidos demonstram que o Boi Mirim Tupi ultrapassa o caráter artístico e recreativo, constituindo-se como um espaço formativo que articula cultura, identidade, educação e cidadania. Isso confirma os pressupostos teóricos apresentados na fundamentação, especialmente no que diz respeito à compreensão de cultura como “uma teia de significados” (Geertz, 1989) e de identidade como construção contínua (Hall, 2006), reafirmadas pelas experiências relatadas pelos participantes do boi mirim.

A partir da análise das entrevistas realizadas, evidenciou-se que a vivência no Boi Mirim Tupi fortalece o sentimento de pertencimento, desenvolve autonomia, disciplina e responsabilidade, além de promover a valorização das tradições amazônicas. As falas dos entrevistados expressam que o boi funciona como espaço de aprendizagem comunitária, onde crianças e jovens constroem vínculos sociais, exercitam a criatividade e aprendem a importância da preservação cultural. Tal dinâmica dialoga com a concepção de Freire (1996), ao afirmar que educar é um ato cultural e que a formação humana se dá por meio da participação, da interação e da reflexão coletiva.

Além disso, pode-se concluir que o Boi Mirim Tupi exerce papel fundamental na manutenção e na transmissão intergeracional do folclore local, constituindo-se como um canal de resistência cultural e expressão identitária dos bairros Itaúna I, Itaúna II e Paulo Corrêa. Sua criação comunitária, sua continuidade ao longo dos anos e seu impacto social reforçam seu valor enquanto patrimônio cultural vivo, contribuindo para a perpetuação das memórias e dos símbolos do Boi-Bumbá de Parintins.

Do ponto de vista educativo, verificou-se que o grupo promove aprendizagens significativas, que abrangem desde competências sociais até noções de coletividade, pertencimento e responsabilidade. As ações do boi mirim demonstram seu potencial como recurso pedagógico complementar à formação escolar, fortalecendo aquilo que a literatura denomina como educação cultural.

Por conseguinte, destaca-se que este estudo contribui para o reconhecimento da importância dos bois mirins no cenário amazônico e aponta para necessidade de maior atenção acadêmica e institucional a essas iniciativas. Recomenda-se que futuras pesquisas ampliem o número de participantes, explorem comparações com outros bois mirins e investiguem mais profundamente o impacto dessas manifestações na trajetória escolar dos jovens envolvidos.

Pode-se concluir, portanto, que o Boi Mirim Tupi é uma experiência concreta de educação cultural, capaz de promover formação identitária, engajamento comunitário e preservação das tradições amazônicas, reafirmando-se como um espaço de resistência, criatividade e pertencimento para as novas gerações.

Entrevistados:

Anne Erleney Arruda de Souza – Entrevista realizada em 28 de agosto de 2025

Gelson Almeida Piedade – Entrevista realizada em 7 de outubro de 2025

Hildebrando Ramos Vasconcelos – Entrevista realizada em 8 de outubro de 2025

Inaldo de Lima Andrade – Entrevista realizada em 28 de agosto de 2025

Sebastião Garcia Piedade – Entrevista realizada em 9 de outubro de 2025

Suzyanny Evangelista de Souza Andrade – Entrevista realizada em 28 de agosto de 2025

Referências Bibliográficas:

ALBUQUERQUE, R. Cultura e espetáculo no boi-bumbá amazônico. Belém: EDUFPA, 2022.

ALMEIDA, Renato F. memória, tradição e identidade cultural na Amazônia contemporânea. Belém: EDUFPA, 2023.

ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA BOI BUMBÁ MIRIM TUPI. Portfólio Ponto de Cultura do Boi Mirim Tupi. Parintins, 2025. 20p. PDF. Disponível em: arquivo pessoal fornecido pelo autor. Acesso em: 21 nov. 2025

BARBOSA, G. C. Infâncias, cultura e aprendizagem: práticas culturais como espaços formadores. São Paulo: Cortez, 2020.

BARBOSA, Luana C.; CUNHA, Marcos R. Políticas culturais no Brasil contemporâneo: desafios e perspectivas regionais. Manaus: Editora Valer, 2024

BATALHA, Jeferson da Silva; SILVA, Elizângela de Oliveira. Boi-bumbá de Parintins (AM): performances dramáticas de uma brincadeira afro-indígena. Locus: Revista de História, Juiz de Fora, v. 30, n. 2, p. 1-23, 2024.

- BNCC: Base Nacional Comum Curricular. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 18 nov. 2025
- CALVACANTI, M. O mito do boi na Amazônia: tradições e ressignificações. *Revista Cultura Norte*, v. 12, n. 2, p.40-55, 2021.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. O ritual e a brincadeira: rivalidade e afeição no bumbá de Parintins, Amazonas. *Mana*, v. 24, n. 3, p. 7–34, 2018.
- CANDAU, V. M. Educação intercultural: mediações necessárias. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.
- CANDAU, Vera Maria. Educação intercultural: mediações necessárias. Petrópolis: Vozes, 2020.
- CASCUDO, L. C. Dicionário do folclore brasileiro. 12. ed. São Paulo: Global, 2012.
- COSTA, José Ribamar Duarte. O boi-bumbá de Parintins: a evolução da toada numa perspectiva dos ecossistemas de comunicação. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2020.
- CUNHA, Josiane dos Santos. Identidade cabocla e a importância social nas toadas do Boi-Bumbá de Parintins/AM, Amazônia brasileira. *Entropia*, São Cristóvão, v. 9, n. 1, p. 1-15, 2025.
- FERREIRA, Ana Paula. Cultura como proteção social: práticas comunitárias e fortalecimento de vínculos na Amazonia. *Revista Brasileira de Estudos Culturais*, Manaus, v. 12 n. 2, p.45-67, 2020.
- FIGUEIREDO, Jéssica N. Bois Mirins e formação estética na infância amazônica: práticas, simbolismo e aprendizagens. *Revista Amazônica de Educação e Cultura*, Parintins, v. 5, n.1, p. 80-102, 2022
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 43. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- GEETZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LIMA, Luan Monteiro; ANTUNES, Cláudia de Souza. Toadas dos bois-bumbás de Parintins: estratégia para reflexões sobre as queimadas na Amazônia por meio da educação intercultural e ambiental. *Kiri-kerê: Revista Acadêmica de Ensino, Pesquisa e Extensão*, Vitória, v. 9, n. 1, p. 1-20, 2025.
- MORAES, Carlos Eduardo de. *Pedagogia da cultural e inovação: novas perspectivas para projetos socioculturais na Amazônia*, São Paulo: Cortez, 2025.

NOGUEIRA, M. L. Cultura amazônica e identidade regional: narrativas, memória e resistência. Belém: EDUFPA, 2020.

SANTOS, Livia G. Pedagogias da cultura na Amazônia: práticas educativas não escolares. Revista Educação & Fronteiras, v. 9, n. 3, p. 120-138, 2021.

SILVA, J. P.; OLIVEIRA, R. A. Educação e folclore: práticas pedagógicas e cultura popular na escola. São Paulo: Cortez, 2021.

SILVA, M. R. da. Cultura, tradição e educação: a transmissão de saberes em práticas comunitárias. Manaus: Edua, 2023.

SILVIA, Diana P.; MONTEIRO, Robson A. Pertencimento e identidade em comunidades amazônicas: uma análise sociocultural. Revista Humanidades Amazônicas, Manaus, v. 4, n. 1, p. 33-56, 2022.

TEIXEIRA, A. Boi-Bumbá e identidade amazônica: uma análise contemporânea. Revista Amazônica, v. 18, n. 1, p. 50-65, 2023.